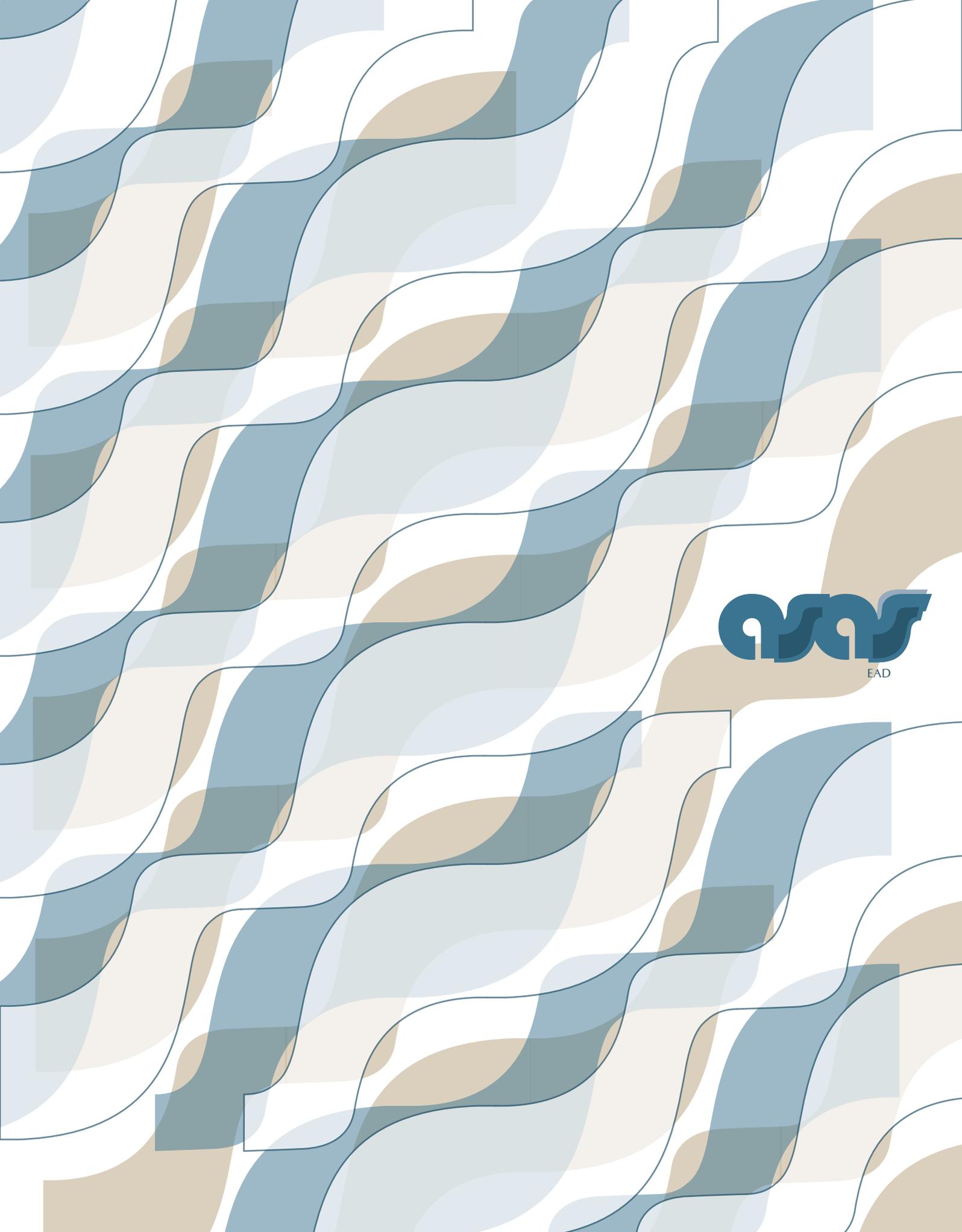


QUEM TEM MEDO DO ENADE?

Alunos de administração
da PUC-Rio encaram
prova sem medo

-  EDUCAÇÃO E NEGÓCIOS: CURSO MOSTRA OS DOIS LADOS DO EMPREENDEDORISMO
-  PUC-RIO E PLANETÁRIO LEVAM VISITANTES A UMA VIAGEM ESPACIAL
-  CURSO HÍBRIDO: ALUNOS AMERICANOS ESTUDAM NA PUC-RIO SEM SAIR DOS EUA







ano 06 | nº 08 | agosto de 2016
www.asasead.net

EAD

A implementação de novas disciplinas totalmente a distância estava entre as metas da CCEAD para 2016, tendo sido cumprida logo no primeiro semestre do ano, com o lançamento de uma turma EAD de Política I, projeto realizado em parceria com o Departamento de Ciências Sociais da universidade. Nesta edição da revista Asas, preparamos uma matéria sobre o planejamento e execução do curso.

Preparamos, também, uma matéria sobre o curso híbrido de Português Elementar para estrangeiros, realizado com sucesso desde 2014 em conjunto com a SUNY, Universidade Estadual de Nova York.

Tão bem sucedida quanto as aulas de português são as aulas da especialização *Lato Sensu* em Educação Empreendedora, realizada na modalidade a distância e desenvolvida pela PUC-Rio para o Sebrae. Parte da equipe que trabalha no projeto conversou com a revista Asas e contou como surgiu a ideia de criar este curso.

A professora do Departamento de Letras, Danusa Depes Portas, também conversou conosco e, numa entrevista especial, revelou porque decidiu usar o Moodle em uma turma de calouros.

A revista Asas traz, ainda, uma matéria sobre a criação de uma plataforma que vai hospedar mídias com diferentes temáticas relativas aos fenômenos científicos de física e astronomia e que estará disponível ao público que visitar o Planetário. A criação da plataforma é parte de um projeto da CCEAD PUC-Rio e da Fundação Planetário com o apoio da FAPERJ para espalhar o conhecimento sobre o universo ao grande público.

Por fim, nesta edição, mostraremos como o Moodle foi importante na campanha elaborada pelo Departamento de Administração da PUC-Rio para que seus alunos encarassem o ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – muito bem preparados.

Boa leitura!

Gilda Helena Bernardino de Campos

Parceria internacional: PUC-Rio e SUNY	4
Entrevista: Prof. ^a Danusa Depes Portas	8
Coluna: Gianna Roque	13
Educação e negócios	15
Quem tem medo do ENADE?	20
Viagem espacial	24
Uma nova forma de fazer política	29



8 **Entrevista**
Professora Danusa Depes Portas fala sobre o uso do Moodle em turma de calouros

15 Alunos do Pronatec fazem curso de empreendedorismo desenvolvido pela PUC-Rio



25

Disciplina Política I, do Departamento de Sociologia, é oferecida totalmente a distância



REVISTA ASAS

coordenação central de ead
GILDA HELENA B. DE CAMPOS
editor
CLAUDIO PERPETUO
redação
CAMILA WELIKSON

projeto gráfico e diagramação
ROMULO FREITAS
revisão
ALESSANDRA ARCHER

AQUI É LÁ!

O desafio de ensinar português para estrangeiros na modalidade a distância

Na economia global e sofisticada de hoje, possuir competências linguísticas e ter formação com sólido conhecimento em um segundo idioma é extremamente valioso e pode fazer a diferença ao entrar no disputado mercado de trabalho. Esta afirmação faz parte da campanha de divulgação dos cursos de língua estrangeira do Departamento de Línguas, Literaturas e Cultura da SUNY, Universidade Estadual de Nova York (State University of New York), localizada em New Paltz, a cerca de 90 minutos de Long Island.

Lá, a importância dada ao estudo de línguas estrangeiras é tão grande que um curso híbrido de português foi elaborado em parceria com a PUC-Rio. Rosa Marina de Brito Meyer, professora do Departamento de Letras da universidade carioca e coordenadora deste projeto, explica que o curso é híbrido porque há aulas presenciais e aulas a distância: “No nosso caso, a disciplina é ministrada por um professor brasileiro, alocado no Rio de Janeiro, e um instrutor, também brasileiro, aluno de pós-graduação da PUC-Rio e residente temporariamente nos Estados Unidos”.

A proposta surgiu porque a SUNY, que possui 64 campi, decidiu criar uma série de campus-polo, cada um responsável por irradiar determinados conteúdos para outros campi e até para outras universidades. Bruce Sillner, Decano do Centro de Programas Internacionais, sugeriu New Paltz como polo encarregado pela promoção de cursos de língua portuguesa. Sua decisão não foi

casual. Em primeiro lugar, já havia um curso híbrido de árabe bem estabelecido, portanto, já existia a estrutura e o conhecimento para a elaboração de cursos similares; em segundo lugar, desde 1989 há um convênio com a PUC-Rio que gerou inúmeras parcerias de sucesso, assim, a cooperação em um novo projeto era bastante provável, garantindo acesso a professores altamente qualificados para ministrar aulas de português como segunda língua.

De fato, a ideia foi aprovada com entusiasmo pelo Departamento de Letras da PUC-Rio e, após várias reuniões, o formato do curso começou a ser definido, como explica a professora Rosa Marina: “Durante um ano, planejamos como seria a estrutura da disciplina e decidimos que haveria quatro encontros por semana, cada um com uma hora de duração”.

Combinou-se que às segundas e quartas, as aulas seriam ministradas por um professor que mora no Rio de Janeiro, portanto, realizadas na modalidade a distância, geradas a partir da Coordenação Central de Educação a Distância da PUC-Rio; e às terças e quintas, as aulas seriam presenciais, com o apoio de um instrutor brasileiro, enviado aos Estados Unidos especialmente para isso. O professor ficaria responsável pela elaboração do conteúdo e o instrutor ficaria encarregado de colocar em prática, através de exercícios, por exemplo, o que havia sido ensinado na aula anterior. A primeira turma foi formada em 2014. No ano seguinte, iniciou-se a segunda turma que concluiu o curso em 2016.

“ É necessário um tempo para experimentação e para que haja um entendimento pessoal, que nos permite ser mais flexíveis, adaptando nossa postura do ambiente físico para o virtual.”

Ricardo Borges Alencar é o professor que assumiu as duas turmas. Ele confessa que foi um desafio ensinar português na modalidade a distância: “Estive em New Paltz para ver como funcionava o curso de árabe, por isso, sabia o que esperar. Mas quando comecei a dar as aulas, fiquei um pouco confuso. Não posso me movimentar, como costumo fazer nas aulas presenciais, porque há uma câmera focada em mim, além disso, não posso usar o quadro como suporte, algo que faço rotineiramente em sala. Portanto, tenho que admitir que o primeiro semestre foi bem complicado, mas com o tempo, aprendi bastante e descobri como me sentir confortável ali. É necessário um tempo para experimentação e para que haja um entendimento pessoal, que nos permite ser mais flexíveis, adaptando nossa postura do ambiente físico para o virtual”.

O entrosamento do professor, dos alunos e do instrutor com as ferramentas da educação a distância aconteceram na prática, através de erros e acertos, e toda a equipe garante que o resultado final foi positivo, apesar dos contratempos do caminho.

Um dos problemas enfrentados é cultural. No Brasil, os professores são chamados pelo nome, o que não é comum nos Estados Unidos. Os alunos do curso não conseguiram se acostumar com essa diferença, afinal, apesar das aulas serem ministradas por um professor que estava no Brasil, eles estavam imersos na cultura americana, diferente da experiência de um estudante de intercâmbio.



Outro exemplo curioso, que mostra claramente as dificuldades desse curso, é o ensino dos adjuntos adverbiais de lugar. Em português, temos **aqui** para definir o lugar perto de quem fala, **aí** para definir o lugar perto de quem escuta, **ali** para definir o lugar mais ou menos próximo de quem fala e de quem escuta e **lá** para definir o lugar distante de quem fala e de quem escuta. A questão é que o **ali** numa aula dada por um professor no Rio de Janeiro e com alunos em Nova York torna-se **lá**; a ideia de proximidade no virtual foi problemática, pois o perto ficou longe.

Até dificuldades climáticas surgiram durante o semestre. Algumas vezes, a universidade em Nova York deixava de funcionar devido ao mau tempo. Nesses casos, as aulas foram dadas pelo instrutor. Por isso, na opinião de Rosa Marina, o papel dele é fundamental: "Houve períodos em que tivemos transtornos com o equipamento de som, por exemplo, e sem uma pessoa presente em sala de aula, os alunos teriam ficado desorientados".

Lucas Almeida foi instrutor da segunda turma e ficou muito entusiasmado com a experiência: "Tive a oportunidade de aprender muito sobre educação a distância, perceber as diferenças em relação a aulas presenciais, mas pude também ter uma vivência única que agrega muito valor ao meu currículo. Aprendi imensamente sobre o uso de tecnologias na educação, participei de

congressos, apresentei trabalhos e pretendo usar todo esse conhecimento no Brasil".

De fato, as vantagens são inúmeras para as pessoas envolvidas no curso e para as duas instituições de ensino. A PUC-Rio, além de enviar alunos de pós-graduação, como o Lucas, para estudar e trabalhar nos Estados Unidos, tem também a chance de difundir sua expertise internacionalmente de forma concreta. Para a SUNY, há ganhos acadêmicos e financeiros: os professores mais bem qualificados da área estão ao alcance de seus alunos por um custo bastante reduzido.

Para o professor Ricardo, o mundo virtual o ensinou a ser mais flexível e mais inovador: "Fui forçado a repensar o ambiente de sala de aula. Usei técnicas das aulas presenciais na educação a distância, mas também refleti sobre o que estava fazendo e fui capaz de ter novas inspirações para aperfeiçoar meu trabalho".

Lucas diz que, nos Estados Unidos, a utilização de tecnologias na educação é muito produtiva e isso foi valioso para ele: "Lá, os alunos sabem de antemão o que será dado na aula, então, podem se preparar melhor. Por exemplo, no nosso caso, não perdemos tempo ensinando vocabulário durante a hora de aula, isso é estudado antes, pois já se sabe o que será trabalhado. Tudo é visto através da plataforma virtual".

Lucas Almeida, Rosa Marina Meyer e Ricardo Alencar, parte da equipe do Curso de Português para estrangeiros.



Rosa Marina também percebeu a importância do ambiente de aprendizagem on-line: “A plataforma usada nos Estados Unidos é diferente da plataforma adotada pela PUC-Rio, mas as vantagens são as mesmas. Compreendi que as tecnologias podem ser muito úteis e estou usando-as nas minhas disciplinas presenciais”.

Rosa Marina, Ricardo e Lucas concordam que, para os alunos, o resultado foi incrível. Ricardo ficou impressionado com o desenvolvimento na sua turma: “Tivemos uma surpresa porque o contato com o

português é bastante limitado. Há, além das quatro horas de aula semanais, encontros organizados pelo Lucas, mas não achávamos que o rendimento seria tão extraordinário. Considerando que a disciplina é de ‘Português Elementar’ e considerando, ainda, a situação de não imersão, é inacreditável o que os alunos aprenderam”.

A PUC-Rio pretende, no futuro, oferecer este curso para outras instituições de ensino e já há perspectivas de trabalhar com uma universidade canadense.

State University of New York at New Paltz

A SUNY é a maior universidade estadual dos Estados Unidos. Um de seus 64 campi está localizado em New Paltz, no vale do Rio Hudson, em Nova York. Com 257 hectares, oferece, além de cursos de alta qualidade, uma excelente qualidade de vida.

Fundado em 1828, possui cursos de graduação em várias áreas, incluindo Artes, Ciências e Educação e os alunos são incentivados a realizar pesquisas e estudos independentes, além de viajar para o exterior para participar de programas de estudos e estágios. É o caso de duas alunas do curso híbrido de português, que terminaram a disciplina nos Estados Unidos e vieram realizar intercâmbio na PUC-Rio.



AMBIENTE VIRTUAL DA PUC-RIO

Turma de 1º período do curso de Letras usa o Moodle e fica surpresa com suas possibilidades

“É um mundo novo que vemos explorar porque há ali milhões de possibilidades.”

Assim a professora Danusa Depes Portas, do Departamento de Letras da PUC-Rio, define o Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle. Mas não pense que a frase é dita em tom contido e circunspecto. Ao contrário, Danusa fala com entusiasmo, abrindo os braços de forma extrovertida e com um sorriso de quem acaba de descobrir um tesouro.

Para ela, que pela primeira vez deu aulas de “Práticas de Leitura” para uma turma de calouros, a possibilidade de peregrinar pelo espaço virtual foi um verdadeiro desafio, mas também um presente.

Na entrevista que deu para a revista Asas, Danusa contou como foi essa experiência e ainda abriu espaço para que seus alunos participassem da conversa.

Como foi a reação dos alunos quando você explicou que haveria a utilização de um Ambiente Virtual de Aprendizagem?

Houve um momento de tensão porque eles pensaram que haveria uma vigilância constante, afinal, sou uma figura institucional e eles pensaram que, com o Moodle, eu assumiria a postura de uma espécie de “big brother” que olha tudo. Evidentemente, não é nada disso e eu consegui quebrar o medo da figura institucional.

“A resposta foi tão boa que as aulas se estenderam para fora da sala sem problemas, conforme estratégia e plano pensados inicialmente.”

Há características ou atitudes específicas de alunos calouros? Isso influenciou a forma de usar o Moodle?

No primeiro período, cada estudante está chegando com suas próprias referências e elas são muito fortes e bem diferentes umas das outras. Não há ainda um solo comum. Mas isso é muito positivo porque cada um traz suas contribuições e eu, através do Moodle, consegui perceber a singularidade de cada um.

Foi fácil usar o Ambiente numa turma de 1º período?

No primeiro mês, tivemos uma fase de adaptação, mas depois desse período, todos entraram rapidamente no clima do Moodle e o usaram intensamente. A resposta foi tão boa que as aulas se estenderam para fora da sala sem problemas, conforme estratégia e plano pensados inicialmente. Não é raro eu responder mensagens de madrugada, por exemplo.

Então, é bem mais trabalhoso dar aulas usando o Moodle?

Com certeza é uma forma que dá mais trabalho; por outro lado, dá mais resultados. E eu tenho o apoio de duas doutorandas que me ajudam a observar tudo que se passa no ambiente. Veja bem, não é uma atitude controladora, repressora. Não estamos vigiando o que eles fazem, estamos construindo juntos.



Você disse que o uso do Moodle dá mais resultados. Você pode dar exemplos?

Os alunos ganham muita autonomia. No sistema tradicional, isso demora muito tempo para acontecer porque os estudantes não se sentem autorizados a fazer certas conexões. Esse formato de curso permite que eles abussem mais, no bom sentido; sabem que podem estabelecer relações aparentemente desconexas e não serão “punidos” por isso. Eles saem de um lugar de conforto e passam a acessar outros conhecimentos quando trabalham no ambiente virtual. Isso acontece com alunos que, às vezes, em sala, quase não participam. Há o caso de uma aluna que fica imóvel na sala de aula e no Moodle, se transforma. Se eu não usasse o ambiente, pensaria que é uma pessoa desinteressada.

Há, portanto, vantagens claras para os alunos. E para você, como professora?

Essa nova relação que se estabelece também me deslocou do meu lugar de conforto e esse é meu projeto como

educadora. Sou estimulada a escutar cada um e ver como o pensamento é construído na sua singularidade. É um projeto arriscado e isso é excelente. Sempre digo que o pensamento é um risco, não é um lugar de estabilidade. Tem que haver risco para que se constitua o conhecimento. Estou permitindo que os alunos tenham repertório para alcançar essa emancipação. Estamos construindo juntos autonomia de pensamento.

Parece ser algo instigante, mas assustador ao mesmo tempo.

É assustador mesmo e eu tive medo no início. Medo porque os papéis foram desarmados. Não dou aula exclusivamente expositiva explicando determinado texto, ao contrário, incentivo todos a analisarem o texto juntos, a formular perguntas sobre ele a partir do seu próprio ponto de vista. Isso significa uma instabilidade grande para mim porque preciso estar preparada para a avalanche de ideias que vem dos alunos e que é preciso agenciar. Dá medo, dá frio na barriga, mas é muito prazeroso.

Professora Danusa; Carlos Ribeiro Jr; Joao Victor Silva [em pé]; Giovanna Corbucci; Seiji Watanabe; Mariana Perelló [sentados]



Essa avalanche de ideias dos alunos não cria muita confusão em sala de aula?

Não. Há liberdade para fazer conexões, para pensar e ter ideias, mas é preciso qualificar essa livre conexão. Esse é o meu papel, digo, de mediação. Tenho uma turma que olha o mundo com múltiplas experiências e, a partir delas, eles têm muito a acrescentar. São alunos que estão operando com textos muito complexos já de início e vão nesse caminho graças ao ambiente virtual e graças a essa forma de estudar. A plataforma tem um papel chave no sentido de tornar visível a complexidade das práticas de leitura que se constituem em rede, de forma múltipla e heterogênea. No entanto, preciso ser rigorosa para garantir a qualidade do que é produzido. Só é possível dar liberdade se houver muito rigor. O Moodle é isso: é explorar e dar liberdade, mas com rigor para que dê certo.

Muitos professores usam o ambiente virtual para postar atividades, para colocar o material do curso, para manter o diálogo com os alunos fora de sala, mas você usa o ambiente durante as aulas, em sala. Como isso funciona?

Existem múltiplos aspectos em jogo aí. Primeiro, é preciso entender que o Moodle não é uma substituição do quadro negro, plano e bidimensional. É uma estratégia para falar de uma experiência de pensamento que se constitui em rede. Então, é incrível pensar o ambiente não só para quem está distante, mas para trabalhar na sala de aula, pois os alunos dessa geração hiperconectada se veem representados. Eu uso o ambiente como um contracampo de referências visuais e bibliográficas que intensifica o aprendizado do tópico em questão. Outro aspecto importante de marcar é o de que existe uma assimetria, reafirmada constantemente no campo institucional, que eu tento romper quando uso o Moodle. O que faço é estabelecer uma parceria no lugar de afirmar essa assimetria. Os alunos têm liberdade para se expressar, para ler o que está além da bibliografia do curso e trazerem esse material para o ambiente de trabalho. Claro que respeito uma ementa da disciplina que já estava definida antes, mas trouxe uma proposta nova de implementação de seus conteúdos. Com a chancela do diretor do Departamento de Letras, Karl Erik, que

assina o curso comigo, pude testar novas possibilidades. O resultado é visível, esses estudantes estão se desenvolvendo de forma incrível e estão lendo textos trabalhados na pós-graduação. A turma lê autores do século XVI a autores do século XXI e já operam criticamente a partir desses pressupostos, portanto, já podem discutir o que seria esse campo expandido da Literatura hoje, na contemporaneidade, dentro de uma cultura sob o impacto massivo da imagem e da informação. O literário é um meio híbrido, constituído pelo verbal e pelo visual. Isso já faz parte do debate desses alunos que são calouros.

Mas o uso do Moodle em sala de aula obriga os alunos a usarem celulares, tablets e laptops. Isso não atrapalha a aula?

No começo eu pensava que os alunos estavam na internet, mas entendi rapidamente que eles estavam anotando as aulas nos seus laptops e tablets. Não era fuga, mas adesão irrestrita à proposta. Essa geração processa informação de uma forma assombrosa a partir dessas tecnologias. Os textos estão digitalizados na plataforma, a(s) prática(s) de leitura acontece(m) através desse apparatus, e há outras interações acontecendo virtualmente. É esta a realidade dos estudantes hoje em dia e não podemos fugir disso. Eles estão em sala e estão processando várias coisas através dos celulares, tablets e laptops. São anotações, são pesquisas etc. O professor não pode esperar atenção exclusiva e eu nem quero isso. A ideia de aula como uma entidade heterotópica vem ganhando destaque no contexto atual. E a verdade é que a atenção independe do celular. Hoje, já sei quando estão ligados e quando não estão ligados.

Você acha que ainda dá para explorar mais o Moodle?

Não tenho dúvidas disso. O Moodle é um mundo novo que devemos explorar porque há ali milhões de possibilidades. Gostaria de testar novas ferramentas, como o banco de dados que ainda não foi suficientemente explorado. Ele funcionaria como o que chamo de “estranhos rizomas” que são todos os atravessamentos daquele nó que cada aula representa. O que é esse nó? São as referências audiovisuais e referências bibliográficas: texto e imagem.



O que os alunos pensam do Moodle

Mariana Perelló

A maioria dos alunos não conhecia o Moodle, então, tivemos um processo de adaptação no início do curso. Logo descobrimos que era um ambiente muito prático, todo o conteúdo da aula estava lá, havia possibilidade de interação com os outros alunos, inclusive, de contribuir com a produção textual uns dos outros. Fizemos isso o tempo todo e foi bem bacana. O Moodle nos permitiu construir juntos. Além disso, a professora confiou na gente e passou textos complexos, mas conseguimos trabalhar com eles porque, no Moodle, encontramos informações sobre eles que nos ajudaram a acompanhar as aulas. Todas as aulas aconteceram com o suporte do Moodle e do Google também. Sempre que era necessário, fazíamos pesquisa, por exemplo, se a professora mencionava um autor que eu não conhecia, usava o Google para pesquisar. Os celulares e tablets se tornaram o hiperlink pessoal de cada aluno.

Giovanna Corbucci

Com o Moodle, todos puderam participar bastante do curso, mesmo os que acham assustador falar em sala de aula. Agimos em rede e cooperamos uns com os outros. Não acho que isso incomodou ninguém, afinal, já estávamos acostumados com esta realidade virtual através de redes sociais como o Facebook, por exemplo. O Moodle é como um caderno muito mais elaborado e com o pensamento de todo mundo.

Seiji Watanabe

O Moodle é um ambiente imersivo e ficamos ali muito tempo além das horas da aula. Para pesquisar texto é maravilhoso porque é rápido e prático. Além disso, os alunos são instigados a debater. A professora não nos dá respostas, ela nos incentiva a refletir e é algo totalmente interativo. Esse debate e essa interação permitem trazer a discussão para a nossa realidade. Outra vantagem do Moodle é que fazemos ali vários trabalhos que, somados, se tornam a avaliação do curso, ou seja, não é uma prova única que acontece num momento de tensão. Deixamos de ter medo da avaliação.

João Victor Silva

Acho que a ideia de usar o Moodle foi assustadora para todos. Achamos interessante, mas ficamos apreensivos porque é algo bem diferente do que estamos acostumados a fazer e é imersivo demais, vivemos aquilo o tempo todo. Por outro lado, sinto que estou me desenvolvendo. Me sinto melhor em termos de cultura e conhecimento e sinto uma liberdade muito grande para produzir. Postamos várias coisas no Moodle, conversamos bastante e há trabalhos colaborativos, com comentários e sugestões de outros alunos e da professora. Isso leva a uma produção coletiva muito bacana.

Carlos Augusto Ribeiro Jr.

O uso do Moodle nessa aula nos permitiu usar os celulares, laptops e tablets sem receio. É como no mundo do trabalho. Não acredito que as pessoas trabalhem sem a aba do Facebook aberta ou sem o celular ao lado, conectado ao WhatsApp. A aula deveria se adequar a essa realidade. Se acessamos o Moodle e trabalhamos nele em sala de aula, podemos ter também o Facebook aberto, o que não significa que estamos prestando mais ou menos atenção na aula.



Processos avaliativos com foco na qualidade

por *Gianna Roque*

Muitas vezes, quando saímos de uma sessão de cinema ou de teatro, ou mesmo quando finalizamos a leitura de um livro, fazemos comentários sobre o que vimos ou lemos. Estamos, portanto, fazendo uma avaliação informal de um dado evento a partir de nossas concepções. O ato de avaliarmos as coisas é natural do ser humano e ajuda a emitirmos um julgamento de valor, como recomendar o filme que assistimos, por exemplo. Algumas vezes somos também solicitados a emitirmos a nossa opinião sobre um serviço prestado, como é o caso das mensagens que recebemos de companhias aéreas ao final de uma viagem. Essa também é uma forma de avaliação que normalmente tem como propósito formular juízo acerca do valor e mérito do que é avaliado, além de verificar a qualidade do serviço prestado. Essas são atitudes naturais que estamos já habituados no nosso dia a dia e que torna a avaliação uma prática moral, social e política e um apoio na tomada de decisões.

Por meio dessas avaliações ou *feedbacks*, os processos se aprimoram, modificações são implementadas, a qualidade é verificada. Isso ocorre em todas as instâncias da vida, inclusive, e sobretudo, no nosso meio acadêmico.

É claro que quando estamos tratando de um processo educativo, estamos nos referindo a uma avaliação formal, na qual existem critérios a serem verificados. O que deve ser avaliado em um curso – e no nosso caso específico, nos cursos a distância – sempre depende da instituição de ensino responsável por ele, já que os padrões de qualidade preconizados são particulares de cada uma. Como uma das principais finalidades da avaliação é apoiar a tomada de decisão e, muitas vezes, a correção de rumo, é fundamental que a instituição tenha claro quais são seus valores, missão, visão e objetivos institucionais. Só assim será possível definir os indicadores de qualidade e persegui-los no processo avaliativo.

“ O ato de avaliarmos as coisas é natural do ser humano e ajuda a emitirmos um julgamento de valor, como recomendar o filme que assistimos, por exemplo. ”



É nesse sentido e com esse foco que, ao final de todo curso de extensão ou de uma disciplina da graduação ou pós-graduação ministrada na modalidade a distância pela PUC-Rio, a equipe de Avaliação e Acompanhamento da CCEAD-PUC solicita aos alunos que respondam a um questionário de avaliação. São vários os itens a serem analisados nesse momento, desde os recursos utilizados no ambiente de aprendizagem on-line, os materiais didáticos disponibilizados pelos professores ao longo do curso e a sua forma de visualização, até uma autoavaliação dos alunos quanto a sua participação, entre outros aspectos.

Ao longo dos últimos anos, foram inúmeras modificações realizadas nos cursos a distância em função dos resultados dessas avaliações. Podemos citar, por exemplo, o aprimoramento do Ambiente de Aprendizagem On-line, a inserção de novos recursos tecnológicos, além de materiais didáticos que passaram a ser disponibilizados de diferentes formas.

Sabemos que o processo de ensino e aprendizagem é dinâmico, devendo renovar-se e modificar-se, e assim o fazemos, especialmente com foco na excelência acadêmica da PUC. Esses momentos avaliativos são sempre muito importantes, pois faz parte desse processo detectar as alterações necessárias, assim como a forma na qual elas serão realizadas.

Como nos lembra o professor José Dias Sobrinho, a “avaliação é produção de sentidos”, não podendo se restringir a instrumentos estáticos, explicações de coisas passadas e nem controle do que foi realizado. Ela deve ser uma prática participativa!

Por isso, quando você for convidado a responder algum questionário, não deixe de participar ou de incentivar seu aluno a colaborar. A percepção que você tem sobre a experiência vivida no curso ou na disciplina pode ajudar, e muito, na solução de desvios de percurso que possam comprometer a qualidade desejada.

Todo feedback que recebemos é fundamental para a avaliação dos nossos processos, pois pode potencializar os pontos positivos e nos ajudar a reformular os pontos negativos que surgem nas repostas. É dessa forma que tornamos a experiência de participação de um curso a distância e a utilização do Ambiente de Aprendizagem On-line a melhor possível para você!

“ Sabemos que o processo de ensino e aprendizagem é dinâmico, devendo renovar-se e modificar-se, e assim o fazemos, especialmente com foco na excelência acadêmica da PUC. Esses momentos avaliativos são sempre muito importantes, pois faz parte desse processo detectar as alterações necessárias, assim como a forma na qual elas serão realizadas. ”

EDUCAÇÃO E NEGÓCIOS

Os dois lados de uma mesma moeda



PUC-Rio desenvolve especialização de empreendedorismo e o foco não é apenas empresarial, mas também, educacional

Resposta rápido: o que é empreendedorismo? Se você pensa como a maioria das pessoas, sua resposta, certamente, envolve implementação de novos negócios, desenvolvimento de produtos inovadores no mercado, mudanças ousadas e estratégias criativas em empresas que buscam obter sucesso e maiores lucros.

Para o Instituto Gênesis, incubadora da PUC-Rio, empreender é muito mais do que isso e abrange compartilhar conhecimento para contribuir com a inclusão social, a preservação da cultura nacional e a melhoria da qualidade de vida.

Com esta ideologia e com uma experiência de quase vinte anos de atividades, o Gênesis participou e ganhou a licitação de um edital lançado em conjunto pelo

Ministério da Educação e o Sebrae – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. O objetivo: desenvolver um curso de pós-graduação em educação empreendedora voltado para professores do ensino profissionalizante e técnico de todo o Sistema S do Brasil, ou seja, organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, como o Senai, Senac, Sesc e Sesi.

Julia Zardo, gerente do Programa de Cultura Empreendedora do Instituto Gênesis, explica que a PUC-Rio tinha efetivamente as melhores condições para desenvolver o projeto: “Temos um dos mais antigos e reconhecidos programas de formação de empreendedores do país, com expertise de quase duas décadas e uma equipe de mais de vinte professores de diferentes áreas, todos altamente capacitados. O Sebrae costuma oferecer aulas



elaboradas para quem atua no mercado empresarial, um universo distante do mundo acadêmico, e a pós-graduação que estava sendo criada visava atender um público de professores, daí a necessidade de trabalhar com incubadoras estabelecidas dentro de universidades”.

A pós-graduação, de acordo com o edital, deveria ser uma especialização elaborada para atender 200 professores vinculados ao Pronatec, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, e espalhados por todo o país. Para se tornar viável, o curso deveria ser realizado na modalidade EAD; foi desta forma que a Coordenação Central de Educação a Distância se envolveu no projeto. Há, também, a participação do Departamento de Educação, afinal, o curso é uma qualificação planejada e desenvolvida para professores e, portanto, fazia sentido que fosse ofertada por este Departamento.

A especialização foi elaborada para acontecer inteiramente no Moodle, Ambiente Virtual de Aprendizagem utilizado pela PUC-Rio, mas há encontros presenciais programados - um ocorreu no início do curso, em Brasília, e

há outro previsto para o fim das aulas, quando os alunos apresentarão seus Trabalhos de Conclusão.

Julia Zardo conta que o primeiro encontro foi uma Aula Magna: “Levamos alguns professores que escreveram o conteúdo das disciplinas e levamos também todos os tutores que acompanham as turmas. Eles fizeram dinâmicas com seus alunos e foi legal porque conseguimos aproximar fisicamente as pessoas envolvidas no projeto. Quebramos a frieza que é a relação por computador”.

“ Queremos que nossos alunos aprendam a lidar com o trabalho de forma empreendedora, terminem o curso se sentindo motivados e se tornem multiplicadores desse assunto em suas instituições. Acredito que estamos tendo sucesso nesse sentido.”



Larissa Frigotto (esq.) e Julia Zardo (dir.).

Após um ano e meio, os alunos terão passado por doze disciplinas que abrangem vários aspectos do empreendedorismo, como atitude empreendedora, plano de vida, plano profissional e de carreira, planejamento de negócios, pesquisa, aspectos jurídicos etc.

Os alunos avaliam constantemente o conteúdo, os professores e o ambiente virtual do curso. Larissa Frigotto, parte da equipe do Gênesis, diz que, até agora, todos estão muito satisfeitos: “Percebemos uma empolgação nas respostas dos nossos questionários. Alguns alunos fazem concursos e afirmam ter tirado nota máxima na prova de empreendedorismo, graças às nossas aulas. Há um caso bem legal de um aluno que é coordenador dos programas de educação de todo o sistema prisional do seu Estado. Ele nos conta que já está usando a educação empreendedora no seu trabalho. Isso é muito impactante na vida de inúmeras pessoas”.

Julia Zardo garante que há uma mudança pessoal na forma como cada estudante se percebe dentro do ambiente de trabalho. “Há duas formas de ver o empreendedorismo: uma está ligada à montagem de uma empresa e aos lucros; a outra está relacionada à nossa atitude e à forma como vemos o mundo. O empreendedorismo é uma ferramenta empoderadora. Queremos que nossos alunos aprendam a lidar com o trabalho de forma empreendedora, terminem o curso se sentindo motivados e se tornem multiplicadores desse assunto em suas instituições. Acredito que estamos tendo sucesso nesse sentido”.

Nesta primeira edição do curso, houve mais de 400 candidatos para 200 vagas, mas a meta do Sebrae é formar até mil professores, portanto, novas turmas estão sendo programadas.

Instituto Gênesis

Desde que foi inaugurado, em julho de 1997, o Instituto Gênesis investe em estudo, pesquisa e interdisciplinaridade com o intuito de agregar valor, conhecimento e experiência ao seu trabalho. Só assim, consegue se manter entre as melhores incubadoras do mundo, como indica o ranking World Top 25, pesquisa sueca que classifica as melhores incubadoras do mundo. O Instituto ocupa a 13ª posição mundial e o 1º lugar da América Latina na categoria “Melhores Incubadores de Universidades”.

Com toda sua bagagem e o reconhecimento internacional, o Gênesis presta serviços para órgãos governamentais, instituições de ensino e organizações não governamentais, nacionais e internacionais.

Os serviços do Instituto têm como principal finalidade fomentar o

desenvolvimento socioeconômico a partir de ferramentas de capacitação empreendedora, e formação de empreendedores e criação de ambientes de inovação.

O que é o Pronatec?

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, Pronatec, foi criado pelo Governo Federal, em 2011, visando a expansão, interiorização e democratização da oferta de cursos de educação profissional e tecnológica no país.

Estão vinculados ao Programa vários Ministérios, todas as secretarias estaduais de educação, Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e o Sistema S.

Até 2015, quase dez milhões de matrículas foram realizadas em cursos

técnicos e de qualificação profissional em mais de 4.300 municípios e até o fim de 2016, há previsão para abertura de dois milhões de vagas, mais de 350 mil em cursos técnicos e 1,6 milhão em cursos de qualificação profissional.

Através do Pronatec, inúmeros trabalhadores recebem oportunidades educacionais por meio do incremento da formação e qualificação profissional; além disso, diferentes recursos pedagógicos são difundidos para apoiar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica.

Entre as ações do Programa está o desenvolvimento da Rede e-Tec Brasil, iniciativa criada para oferecer gratuitamente cursos técnicos e de qualificação profissional, na modalidade a distância, usando tecnologias educacionais.





 | WWW.YOUTUBE.COM.BR/CCEADPUCRIO



Nosso canal
do **Youtube**
recebe cada vez
mais visitas.

Venha conhecer
também nossos
vídeos
educacionais e
institucionais.

QUEM TEM MEDO DO ENADE?

Departamento de Administração da PUC-Rio ajuda os alunos a se preparar para o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

Todos os anos, alunos do país inteiro que estão concluindo seus cursos nas universidades devem prestar o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, o Enade, caso sua área de conhecimento esteja sendo avaliada naquele momento.

O Enade é uma prova que avalia a performance dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial.

A cada ano, uma quantidade limitada de cursos é avaliada, portanto, o exame só é obrigatório para os formandos cujos cursos estão sendo analisados. Caso estudantes dentro deste perfil não façam a prova, correm o risco de não receber o diploma da faculdade e ficam com o histórico escolar em situação de irregularidade.

Por mais assustador que possa parecer para o aluno, na verdade, quem tem medo do Enade não são os estudantes, mas as instituições de ensino. Isso acontece porque os resultados do exame, aliados às respostas de um questionário respondido pelos

discentes, são fundamentais para o cálculo dos indicadores de qualidade da educação superior. Estes indicadores mensuram a qualidade dos cursos e das universidades do país e são usados tanto para o desenvolvimento de políticas públicas da educação superior quanto como fonte de consultas pela sociedade.

Em 2012, o curso de Administração da PUC-Rio foi avaliado e apresentou uma queda no desempenho dos alunos, afetando a imagem da universidade. As notas foram baixas porque não há necessidade de alcançar uma

pontuação mínima e a avaliação não afeta diretamente o estudante, sendo assim, muitos nem sequer responderam as questões, permanecendo no local da prova apenas o tempo mínimo exigido pelos organizadores.

“ Eles não sabiam nada ou quase nada sobre o Enade. Descobrimos que muitos confundiam com o Enem, que é o Exame Nacional do Ensino Médio. Quando explicávamos o que era o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, eles nos perguntavam qual era a importância daquilo para a vida deles.”



Intrigada com o resultado negativo do Enade, a coordenação de graduação do curso decidiu investigar os motivos e o problema caiu nas mãos da professora Alessandra Baiocchi, que havia acabado de assumir a supervisão de desenvolvimento acadêmico dos alunos.

Ao lado do professor Marcus Wilcox Hemais, Alessandra iniciou, em 2013, uma espécie de pesquisa de mercado, realizando entrevistas com quarenta alunos da graduação para descobrir o que eles sabiam sobre o exame. O resultado, diz ela, foi surpreendente: “Eles não

sabiam nada ou quase nada sobre o Enade.



Tentamos entender os motivos. Descobrimos que muitos confundiam com o Enem, que é o Exame Nacional do Ensino Médio. Quando

explicávamos o que era o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes, eles nos perguntavam qual era a importância daquilo para a vida deles”.

“Contamos que a colocação do nosso curso estava caindo em relação a escolas mais fracas. Muitos [alunos] ficaram visivelmente incomodados, pois há neles um espírito competitivo bastante forte. Conversamos também com os professores e a partir de todas estas conversas, percebemos que seria preciso trabalhar com base em três pilares: informação, motivação e preparação.”

De fato, a princípio, o Enade não tem importância alguma para os formandos, mas afeta a qualificação das instituições de ensino e isso pode ter certo impacto no mercado de trabalho. Essa foi uma questão levantada pelos professores Alessandra e Marcus num momento seguinte. Em 2014, tendo em mãos a lista prévia dos alunos que concluiriam a graduação em 2015, ano em que o curso de Administração seria novamente avaliado, os dois organizaram um novo roteiro de entrevistas, desta vez focando seu público-alvo: os formandos.

Alessandra explica que 84 alunos participaram desta segunda etapa: “Fizemos várias perguntas a eles e tivemos também a chance de explicar a importância da prova para a PUC-Rio e como isso afetaria suas vidas. Contamos que a colocação do nosso curso estava caindo em relação a



“A PUC-Rio tem uma Coordenação Central de Educação a Distância totalmente qualificada para nos dar suporte na elaboração de um simulado online. Além disso, os alunos estão familiarizados com o mundo virtual e muitos já usaram a plataforma Moodle em algumas disciplinas, ou seja, já conheciam o ambiente que usaríamos para a realização da prova.”

escolas mais fracas. Muitos ficaram visivelmente incomodados, pois há neles um espírito competitivo bastante forte. Perguntamos diretamente o que eles achavam que deveria ser feito para reverter esta situação e tivemos muitas respostas interessantes. Conversamos também com os professores e a partir de todas estas conversas, percebemos que seria preciso trabalhar com base em três pilares: informação, motivação e preparação”.

O Departamento de Administração iniciou, então, uma verdadeira campanha que incluía informar os alunos sobre o Enade – o que é, para que serve e qual o seu impacto para alunos e para a universidade –, motivá-los a realizar uma boa prova, sem deixar as questões em branco, e prepará-los para resolver as questões da melhor forma possível. Apesar do Departamento de Administração não ter esta atividade como foco, a coordenação decidiu investir na preparação dos alunos. Realizou, então, uma série de atividades, entre elas, palestras com professores, inclusive alguns que elaboram e corrigem questões para o Enade, e um simulado, com o objetivo de familiarizar os alunos com a estrutura da prova e os tipos de perguntas comuns.

A professora Alessandra conta que, inicialmente, a proposta era fazer um simulado presencial, mas a ideia foi rapidamente descartada: “Seria uma loucura preparar uma prova física. Teríamos que fazer num sábado, na universidade, convocar os alunos, imprimir as provas, contratar equipe, pagar hora extra, enfim, seria muito trabalhoso e o custo seria muito alto. Então, lembramos que a PUC-Rio tem uma Coordenação Central de Educação a Distância totalmente qualificada para nos dar suporte na elaboração de um simulado online. Além disso, os alunos estão familiarizados com o mundo virtual e muitos já usaram a plataforma Moodle em algumas disciplinas, ou seja, já conheciam o ambiente que usaríamos para a realização da prova”.

O trabalho envolveu profissionais de todas as áreas da Administração: estratégia, marketing, organizações, finanças e estatística. Professores foram convocados para elaborar 15 questões, utilizando como referência provas antigas do Enade, e a equipe da Coordenação Central de Educação a Distância ajudou a estruturar um simulado que sorteasse de forma aleatória cinco questões de cada área.

Três meses antes da prova o simulado foi disponibilizado para os alunos

e eles tinham a possibilidade de repeti-lo quantas vezes quisessem. Paralelamente, foi feita uma campanha de comunicação para apresentar a eles a ferramenta. Com o objetivo de estimulá-los, o Departamento de Administração ofereceu um certificado àqueles que acertassem mais de 70% das questões e, ainda, aceitou a realização do simulado como crédito de atividades complementares.

“Estas atividades complementares são exigidas como parte da carga horária da graduação e muitos alunos precisam completá-las para se formar, então, foi uma boa forma de incentivá-los. Tivemos 113 alunos realizando o simulado e 29% deles conseguiram acertar 70% das questões”, explica a professora Alessandra.

Além da campanha de preparação dos alunos, foi realizada uma campanha de informação que durou um ano. Cartazes foram divulgados nas redes sociais com uma linguagem jovem e com a imagem dos próprios alunos que explicavam para os formandos que a nota de um significava a nota de todos. O resultado foi excepcional e teve grande repercussão até entre as mães dos alunos, que curtiam e compartilhavam os cartazes. Muitos professores conversaram com suas turmas sobre o Enade, as notas dos anos anteriores foram apresentadas

aos formandos de 2015 e o espírito competitivo foi sendo aguçado entre os estudantes.

Por fim, houve, também, uma forte campanha de motivação que incluiu a premiação das notas mais altas do Enade entre os alunos de Administração da PUC-Rio. A professora Alessandra explica que esta foi uma forma de ter as notas individuais que, por regra, são disponibilizadas apenas para cada aluno: “Como não temos as notas individuais, apenas o ranking geral, decidimos oferecer prêmios para os dez primeiros colocados. Os estudantes podem, se desejarem, imprimir seus resultados e nos apresentar para concorrer a estes prêmios”.

O primeiro lugar ganhará uma bolsa integral em um MBA do IAG, a Escola de Negócios da PUC-Rio; a segunda melhor nota ganhará 80% de bolsa e a terceira melhor nota ganhará 60% de bolsa. Serão oferecidos, ainda, descontos de 25% para os alunos que ficarem entre a quarta e décima posições no exame.

Quando o local de realização da prova foi anunciado, um novo problema surgiu para a equipe que organizou toda a campanha. O Enade para alunos de Administração

“Acredito que alcançamos nossa meta, pois tivemos uma quantidade grande de alunos que se esforçou para efetivamente fazer a prova.”

da PUC-Rio seria em Jacarepaguá, bastante distante para muitos dos formandos que teriam que fazer o exame. Normalmente, a universidade oferece um ônibus que sai do campus da Gávea. Surgiu, então, mais uma ideia para atrair os alunos no dia da prova: oferecer um farto café da manhã, com a presença de professores e funcionários do Departamento de Administração.

“Levamos os alunos até a porta do ônibus, literalmente”, conta Alessandra. “Foi uma manhã muito divertida e antes da partida deles, entregamos um kit com brindes. Havia água para hidratação, chocolate para adoçar a vida, amendoim para dar energia e uma caneta preta, necessária para marcar o cartão de respostas do Enade. Tudo com o slogan da nossa campanha: reconhecimento

para o seu curso, referência para o seu currículo”.

Os resultados ainda não saíram, mas muitos alunos voltaram da prova garantindo que o simulado os ajudou bastante e que as questões da prova estavam até mais fáceis do que as questões do simulado.

Alessandra e toda a equipe que participou desta campanha estão confiantes de ter informado, preparado e motivado os alunos, o que certamente provocará resultados positivos: “O mais importante era estimulá-los a completar a prova, pois isso tem um impacto significativo na nota final da universidade. Acredito que alcançamos nossa meta, pois tivemos uma quantidade grande de alunos que se esforçou para efetivamente fazer a prova”.



Professora Alessandra Baiocchi, supervisora de desenvolvimento acadêmico dos alunos do curso de Administração da PUC-Rio.





VIAC

VIAGEM ESPACIAL ESPECIAL!

Projeto em parceria com o Planetário leva visitantes a um passeio virtual pelos mistérios do universo

Imagine ter em suas mãos a passagem para embarcar numa viagem pelo espaço? Hoje em dia não são apenas astronautas que podem ter o “passaporte carimbado” com destino a várias camadas da atmosfera. Qualquer um com bastante dinheiro sobrando pode garantir um assento nas espaçonaves do excêntrico Richard Branson – dono da *Virgin Galactic*, empresa que elabora projetos de viagens espaciais para civis.

Porém, a grande maioria da população não está com bastante dinheiro sobrando e o projeto de Branson é, ainda, apenas um projeto que não saiu sequer da fase de testes, imagine então da Terra. Estes contratempos impediriam as pessoas de viajar pelo espaço, mas há um projeto em andamento que permite a realização destes passeios pelo universo, de forma virtual e gratuita.

A concepção da proposta

A ideia surgiu quando uma equipe formada por membros da PUC-Rio e do Planetário perceberam a importância de oferecer recursos midiáticos educacionais para serem utilizados por estudantes e professores em museus e centros de ciências no Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de levar os conhecimentos básicos e necessários à compreensão da astronomia.

O coordenador do projeto, professor Bernardo Pereira Nunes, explica que a intenção é disponibilizar tablets nas unidades da Fundação Planetário do Rio de Janeiro na Gávea, zona sul e, possivelmente, em Santa Cruz, zona oeste da cidade. A partir destes tablets, os visitantes poderão acessar uma plataforma com vários recursos midiáticos abordando temas relacionados ao universo.

Assim como outras ciências, a astronomia faz parte do currículo escolar seguindo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em diversas séries. Porém, o seu ensino ainda esbarra em um reduzido número de profissionais preparados para ministrar essa disciplina e, mesmo fenômenos simples encontrados nos PCN, como as fases da lua, as estações do ano e eclipses, são explicados, muitas vezes, de forma inadequada. Os recursos midiáticos propostos possuem um conteúdo abrangente de astronomia que são explicados de forma simples, permitindo que visitantes, incluindo professores e alunos, tenham sempre à mão um guia para compreendê-lo.

A plataforma preencherá, portanto, a lacuna que existe na formação dos professores dos ensinos fundamental e médio e servirá como motivação aos jovens para, no futuro, talvez, escolher uma carreira científica.

A equipe envolvida no projeto acredita que, em funcionamento, a plataforma poderá levar os conhecimentos básicos e necessários para a compreensão da astronomia a todos que tiverem acesso a ela, em especial, professores e alunos da rede de ensino pública e privada do Rio de Janeiro.

Relevância dos recursos

A característica mais interessante do desenvolvimento de um software é a possibilidade que ele abre para a convergência das diferentes mídias:

texto, som, imagem estática e em movimento, todos os formatos audiovisuais como, por exemplo, documentários, recursos de simulação, animação e representações gráficas organizados hipertextualmente. Esta convergência potencializa ao máximo a capacidade das mídias de propiciar aprendizagem.

Além disso, o software dividido em animação e simulação abrange uma série de artefatos nos quais a utilização do computador e um nível variável de intervenção do usuário em procedimentos de caráter pedagógico auxilia o aluno no processo de aprendizagem. O desenvolvimento de animações e simulações pode estabelecer o contato científico através de uma abordagem lúdica, aguçando a curiosidade pelos temas.

O software é capaz, ainda, de fornecer um ambiente para simulação de experimentos que não podem ser reproduzidos em sala de aula devido a restrições físicas, econômicas ou mesmo de periculosidade. Assim, é possível simular virtualmente processos e fenômenos usando linguagem metafórica e representações conhecidas para os estudantes. É possível, também, desenvolver objetos que se aproximam de forma fiel ao que acontece em dimensões de realidade de difícil observação.

Igor Martins, desenvolvedor front-end, que participa do projeto, explica como o software educacional contribui para uma aprendizagem intuitiva, para a ressignificação de conteúdos e para um processo de ensino-aprendizagem lúdico: "Consideramos que do ponto de vista das habilidades envolvidas no ato de aprender, os formatos do software educacional procuram estimular a imaginação, o controle de variáveis e de etapas de uma observação ou experimento, a formulação de hipóteses, a tomada de decisão e a verificação de resultados".

Plataforma Web

A plataforma que está sendo desenvolvida vai hospedar mídias com diferentes temáticas relativas aos fenômenos científicos de física e astronomia, seguindo uma interface didático-pedagógica e que, tecnicamente, permitirá interatividade, acessibilidade e adaptabilidade.

Com o apoio da FAPERJ, uma equipe de especialistas ligados à Fundação Planetário elabora o conteúdo educacional e a Coordenação Central de Educação a Distância da PUC-Rio fica encarregada pela estruturação do material didático e desenvolvimento das mídias.

Richard Branson não é o único visionário quando o assunto é espaço. A equipe que participa da construção da plataforma sobre o universo sonha em alçar voos mais altos e espera espalhar sua ideia por todo o país. “Acreditamos que estudantes e professores do Brasil inteiro poderão ser atendidos a partir dos pontos de distribuição dos materiais digitais educacionais, localizados no Planetário do Rio e, possivelmente, em museus, centros de ciências e planetários existentes no território nacional”, diz o professor Bernardo.

De fato, além de atender a demandas de planetários, em especial o Planetário do Rio, os recursos midiáticos educacionais poderão contribuir para a formação de professores e com as escolas da rede nacional que, em geral, contam apenas com iniciativas isoladas para a introdução de temas relacionados à astronomia em sala de aula.

“Acreditamos que estudantes e professores do Brasil inteiro poderão ser atendidos a partir dos pontos de distribuição dos materiais digitais educacionais.”



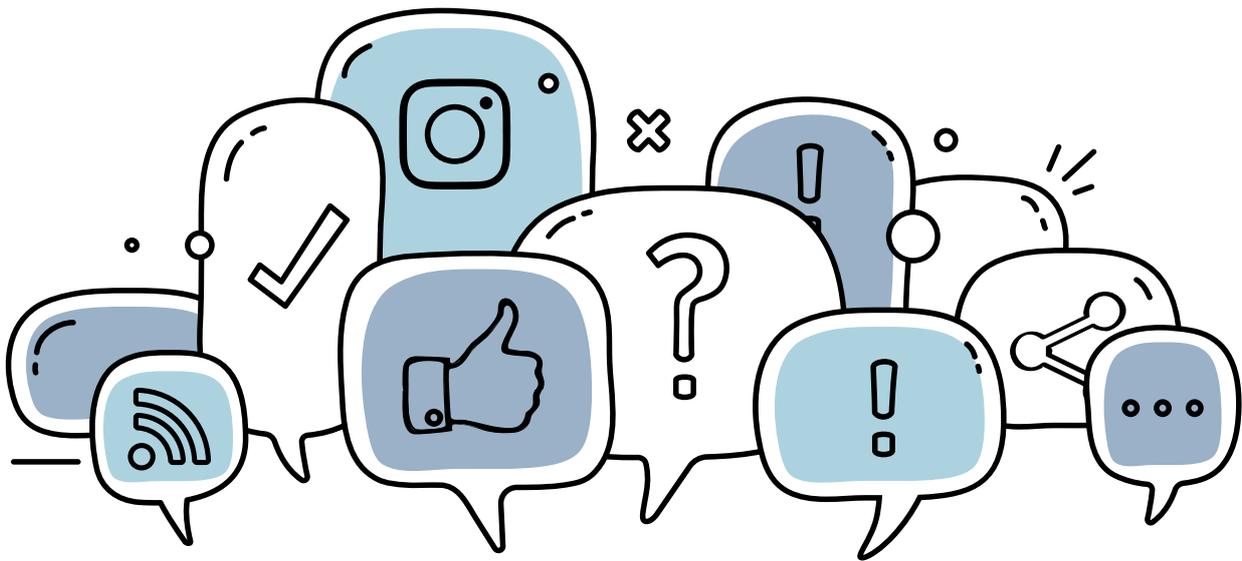
Planetários no Brasil

Existem no Brasil cerca de cinquenta planetários fixos e outros tantos móveis, perfazendo um total de aproximadamente cem espaços dedicados à educação não formal, com ênfase na divulgação da astronomia e das ciências afins. Estes planetários são ligados a universidades federais, estaduais, prefeituras e, alguns poucos, a instituições privadas, e estão, em sua maioria, em contato através de uma rede colaborativa pela Associação Brasileira de Planetários (ABP).

Os planetários são espaços que atendem aproximadamente um milhão de estudantes, sendo que cerca de metade deste montante é devido à atuação da Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, também conhecida como Planetário do Rio.

O Planetário do Rio possui três cúpulas para observação do universo, duas delas localizadas na unidade principal, no bairro da Gávea, e uma em sua unidade avançada, no bairro de Santa Cruz. Elas são dotadas de um moderno sistema de projeção digital.





UMA NOVA FORMA DE FAZER POLÍTICA

PUC-Rio oferece a disciplina “Política I” na modalidade a distância

O sucesso das disciplinas a distância “O Humano e o Fenômeno Religioso” e “Introdução à Filosofia”, dos Departamentos de Teologia e Filosofia, respectivamente, serviu como estímulo para que o Departamento de Ciências Sociais seguisse o mesmo caminho, lançando no primeiro semestre de 2016 a disciplina “Política I” totalmente a distância.

Por ser uma disciplina obrigatória da grade de boa parte dos departamentos do Centro de Ciências Sociais, o curso pode beneficiar um número significativo de alunos, mas, em um primeiro momento, foi oferecido aos alunos do Departamento de Comunicação Social.

O projeto foi desenvolvido a partir do segundo semestre de 2015 e durante o primeiro semestre de 2016; os



docentes que participaram do seu desenvolvimento o entenderam como um novo empreendimento, necessário e repleto de desafios estimulantes. Foi o caso das professoras Solange Luçan e Sarah da Silva Telles, mediadoras da primeira turma do curso Política I – AD. Solange também elaborou o conteúdo do curso e colaborou em sua versão para o ambiente virtual de aprendizagem em parceria com a Coordenação Central de Educação a Distância da universidade.

Para as duas professoras, um dos desafios do curso foi elaborá-lo de acordo com as características desta modalidade, que são diferentes em relação ao curso presencial, porém, o mais importante foi atender às exigências acadêmicas determinadas pelas instituições de ensino para seus professores, em ambas as modalidades de ensino.

No caso da PUC-Rio, os docentes precisavam ter em mente que as aulas seriam substituídas por textos produzidos pelos responsáveis pela mediação do curso e que deveriam ser lidos pelos alunos, sendo sua compreensão aferida por meio de exercícios práticos. Os textos deveriam ser claros e diretos, sendo resultado de uma seleção criteriosa dos principais comentários dos autores a serem explorados no curso, e precisariam atender à legislação sobre direitos autorais em vigor. Já os exercícios seriam corrigidos e comentados pelo professor. Tudo isso permitiria ao aluno construir conhecimento ao longo de todo o curso. Os docentes precisavam ter em mente, também, que, por exigência do MEC, pelo menos uma prova deveria ser aplicada presencialmente, o que significou, na prática, ao menos um momento presencial no curso.

As vantagens de permitir uma aprendizagem realizada com flexibilidade em relação a locais e horários foram um fator determinante para que o curso não presencial fosse ofertado aos alunos. De fato, um dos estudantes inscritos na disciplina afirmou morar longe da faculdade e que, para cumprir uma maior quantidade de créditos, optou pela modalidade a distância e, assim, sua rotina não ficou prejudicada.

De acordo com Solange e Sarah, cursos a distância são uma tendência em todo o Brasil e a PUC-Rio não foge à regra, incentivando a disseminação da EAD. Na universidade, são consideradas as necessidades de alunos que residem distante do campus ou que já se encontram no mercado de trabalho e têm um horário menos flexível para assistir às aulas presencialmente. Como vantagem adicional, o aproveitamento dos espaços físicos da universidade é otimizado e o alcance de oferta de cursos é ampliado.

Ainda é cedo para ter um panorama completo em relação à opinião dos alunos que participaram da primeira turma, mas alguns estudantes já se manifestaram e se mostraram satisfeitos com o resultado do curso. Para estes alunos, o programa foi cumprido de forma adequada, não houve problemas em acessar o conteúdo da disciplina utilizando dispositivos móveis, como celulares e tablets e a linguagem visual – peça-chave em aulas a distância - foi importante para a compreensão do conteúdo.

O Ambiente de Aprendizagem On-line ainda causa um pouco de estranhamento àqueles que não estão acostumados com ele e há quem o considere um sistema um pouco instável, mas, de forma geral, as ferramentas do ambiente são bastante elogiadas pelos discentes que optam pelas disciplinas totalmente a distância. Eles afirmam que as discussões realizadas nos fóruns (espaços de interação virtual) contribuem para a compreensão do conteúdo e os mecanismos de comunicação existentes facilitam a interação com o professor.

O diretor do Departamento de Ciências Sociais, professor Ricardo Ismael, afirma que toda a sua equipe ficou bastante satisfeita com a experiência e diz que as disciplinas totalmente a distância continuarão a ser ofertadas nos próximos semestres: “A parceria desenvolvida com a Coordenação Central de Educação a Distância superou as expectativas iniciais e nos motiva a tentar novos projetos comuns”.

“A parceria desenvolvida com a Coordenação Central de Educação a Distância superou as expectativas iniciais e nos motiva a tentar novos projetos comuns.”



